

A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DE ENTRESSAFRA NO CONTROLE DE BUVA E CAPIM-AMARGOSO

GAZZIERO, D. L. P.¹, ADEGAS, F.S.¹; VOLL, E.¹

¹Embrapa Soja, Caixa Postal 231, CEP 86000-970, Londrina-PR, dionisio.gazziero@embrapa.br

O manejo de plantas daninhas na entressafra facilita o manejo das plantas infestantes na cultura de verão e ajuda no controle da buva (*Conyza bonariensis*, *Conyza canadensis*, *Conyza sumatrensis*) e para o capim-amargoso (*Digitaria insularis*), espécies que atualmente têm assumido grande importância nas áreas de produção de soja. Antes do advento da soja resistente ao glifosato, já se alertava sobre a capacidade de algumas espécies vegetar e se multiplicar durante todo o ano, como o picão-preto e o amendoim-bravo, que podem ter dois ou três ciclos de produção de sementes somente no período de entressafra. Isso aumenta a pressão de infestação e o banco de sementes e dificulta a operação de manejo de pré-semeadura, assim como o controle na cultura de verão. Gazziero (2003) avaliou o banco de sementes em sistemas de produção compostos por milho safrinha e aveia na entressafra de inverno, ambos com sucessão do cultivo com soja resistente ao glifosato no verão. Após três anos, os resultados mostraram que a evolução do banco de sementes está associada às práticas de manejo adotadas. Não utilizar um adequado controle de plantas daninhas no milho safrinha, ou durante toda a entressafra, resultou na reposição consistente do banco de sementes no período de inverno. Quando se controlou adequadamente as infestantes no milho safrinha ou no cultivo de aveia, a produção de sementes das espécies daninhas foi reduzida. No início dos anos 2000 era preocupante o problema das plantas daninhas na cultura da soja convencional, sendo uma das principais causas a existência de áreas de pousio e o cultivo do milho safrinha sem o uso de herbicidas ou com subdoses dos mesmos, que provocou o aumento do banco de sementes de forma geométrica, potencializando o problema na safra de verão.

A soja tolerante ao glifosato concedeu ao agricultor a oportunidade para controlar de forma tranquila e confortável as

plantas infestantes nas áreas de produção comercial, mas em pouco tempo os casos de resistência a esse herbicida apareceram, trazendo a preocupação com o retrocesso, pois na atualidade muitas lavouras são colhidas em meio a intensa presença de plantas de buva e de capim-amargoso. Estas espécies se adaptaram ao ambiente e às práticas agrícolas utilizadas dos dias de hoje. A entressafra é o momento ideal para iniciar o manejo dessas espécies, quando devem ser utilizados os conhecimentos e informações já existentes para controle dessas populações, inclusive se os biótipos forem resistentes ao glifosato.

É importante destacar que muitos agricultores deixam para fazer a dessecação de manejo próximo a semeadura da soja, quando as plantas de buva e de capim-amargoso estão bem desenvolvidas, o que é uma das causas de perda de eficiência dos produtos. Mesmas as plantas de buva e amargoso suscetíveis ao glifosato devem ser controladas quando ainda pequenas.

O período normal de germinação da buva é o da entressafra de inverno, embora exista o risco de sua adaptação, pois em muitas áreas já se observa a germinação fora desse período tradicional. Já o capim-amargoso, além de ser uma planta perene, possui a capacidade de germinar o ano todo. Estas espécies são favorecidas nas áreas com semeadura direta por possuírem sementes pequenas, que são facilmente carregadas pelo vento, por máquinas e pelo homem. Nas áreas adequadamente manejadas na entressafra, essas espécies são mantidas sob controle. A presença de espécies cultivadas que produzem uma boa palhada ajuda na supressão do desenvolvimento e no controle das plantas daninhas, principalmente pelo seu efeito físico direto, dificultando a passagem de luz, diminuindo a amplitude de temperatura e de umidade do solo. Nas áreas com palhada, os herbicidas dessecantes tem proporcionado maior eficiência de controle, pois normalmente as plantas ainda estão

pequenas por ocasião das aplicações.

Em experimentos conduzidos em Campo Mourão, avaliando áreas de milho e de aveia cultivados no inverno, foram encontradas grandes diferenças no tamanho das plantas de buva por ocasião da dessecação de manejo (GAZZIERO et al., 2012). Nas áreas de aveia as plantas eram bem menores do que as encontradas nas áreas de milho. No milho, a buva encontrou boas condições para se estabelecer, uma vez que o período de maior germinação coincide justamente com o final do ciclo e a colheita da cultura.

Desde que as primeiras áreas de plantio direto foram cultivadas no Brasil, estabeleceu-se como regra que no dia da semeadura a área deveria estar totalmente livre de plantas daninhas, pois os efeitos da matocompetição provocam danos significativos à cultura. Deve-se levar em consideração que, com a adoção da semeadura direta, a operação de preparo do solo é substituída pela aplicação de herbicidas, o que significa dizer que a forma de controle foi alterada, mas o conceito de manejo das plantas daninha permanece o mesmo.

A entressafra é o momento para se trabalhar com os produtos desseccantes que

podem ser utilizados em aplicações únicas e sequenciais. O escape de controle na entressafra exige ações após a emergência da cultura, como capina manual ou o uso herbicidas seletivos, com o agravante de que estes produtos atuam apenas sobre as plantas no início do desenvolvimento.

Portanto, o período de entressafra pode determinar maior ou menor infestação de plantas daninhas na cultura da soja e interferir no número de aplicações e doses dos produtos. Plantas daninhas são parte integrante da natureza e cabe ao homem aprender a conviver com elas, manejando-as adequadamente.

Referências

GAZZIERO, D.L.P. **Manejo de plantas daninhas em áreas cultivadas com soja geneticamente modificada para a resistência ao glyphosate**. Londrina, 2003,143p.Tese de Doutorado.

GAZZIERO, D. L. P.; ADEGAS, F. S.; VARGAS, L.; VOLL, E.; **Manejo Integrado de plantas daninhas** In: VELINI, E. D.; CARBONARI, C. A.; MESCHÉDE, D. K.; TRINDADE, M. L. B. Glyphosate uso sustentável. Botucatu: FEPAF, 2012. p.185-202.